

PERCURSOS DO NOMADISMO NA POÉTICA DE RUI PIRES CABRAL

Tamy de Macedo Pimenta

Orientador: Ida Maria Santos Ferreira Alves

Teses ou dissertações recentes

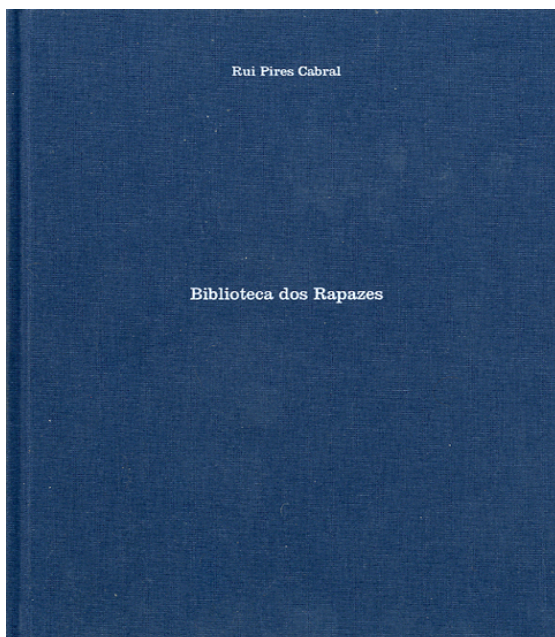
RESUMO: O artigo consiste em uma breve apresentação da dissertação de mesmo nome, que se propõe a analisar o nomadismo presente na obra poética de Rui Pires Cabral – poeta e tradutor português –, desenvolvendo o conceito tanto em seu aspecto geográfico, concernente às movimentações pelo espaço referenciadas nos versos, quanto formal, baseado nos deslocamentos intermediáticos presentes nessa poética. Nesse sentido, no primeiro momento busca-se pensar como as constantes desterritorializações realizadas pelo eu lírico constituem uma subjetividade desenraizada e forasteira que, por sua vez, é detentora de uma potente resistência face ao sedentarismo imposto pela sociedade; enquanto que, no segundo, objetiva-se demonstrar as relações intermediáticas entre poesia e música, poesia e outras formas literárias, e poesia e imagem, realizadas a partir de um processo criativo dinâmico ao qual chamamos “nomadismo poético”, com ênfase na colagem.

PALAVRAS-CHAVE: Rui Pires Cabral, poesia portuguesa contemporânea, nomadismo, relações intermediáticas, colagem.

Minha dissertação de Mestrado, intitulada “Percursos do nomadismo na poética de Rui Pires Cabral” e defendida em 25 de fevereiro de 2016 nesta instituição, foi resultado de anos de pesquisa em poesia portuguesa contemporânea. Iniciei essa trajetória ainda como aluna de Graduação, através de dois anos de Iniciação Científica pesquisando a poesia de Rui Pires Cabral sob orientação de Prof.^a Dr.^a Ida Alves.

Nesse primeiro momento, tive como foco as relações paisagísticas e urbanas nessa obra, seguindo sobretudo os ensaios de Michel Collot como norteadores de meus estudos. Todavia, quanto mais eu procurava indícios da paisagem urbana portuguesa pelas páginas de Rui Pires Cabral, mais eu encontrava referências a numerosas e variadas cidades pelo mundo:

a paisagem estrangeira se fazia bastante presente e as viagens se impunham como um tema central desta poética a cada leitura. Eram fins de 2012 e eu havia começado a esboçar meu projeto de pesquisa para um futuro Mestrado, fundamentado nos movimentos geográficos de um sujeito permanentemente estrangeiro e desenraizado. Porém, meus planos se alteraram pela publicação do desconcertante *Biblioteca dos Rapazes*: uma outra forma de poesia se apresentava diante de meus olhos e os antigos versos de RPC só eram recordados pelo insistente uso do enjambement e aspectos temáticos como a errância, o desassossego e a morte. Com a publicação desse livro e de seus subsequentes (*Broken, Stardust, Álbum, Oh! Lusitania* e *Elsewhere/alhures*, até o presente momento), minhas ideias anteriores eram constantemente questionadas.



1 Capa de "Biblioteca dos Rapazes"

Assim, passei da ideia de *viagem* para a de *deslocamento* conforme iniciei o Mestrado, pensando em estudar os deslocamentos geográficos e formais explorados nessa poética. Porém, a cada novo livro, meus pensamentos não só em relação a essa obra, mas também sobre a própria poesia, eram desafiados e obrigados a se mobilizar e, desse modo, cheguei ao conceito de nomadismo, ideia central sobre a qual me debrucei em minha dissertação entendendo-a em duas vertentes, como exemplificarei a seguir.

Nos primeiros livros de RPC, o nomadismo se fazia presente de forma mais clara no âmbito temático, por meio de numerosas referências geográficas que indicavam deslocamentos pelo espaço realizados por um eu lírico desenraizado e, portanto, permanentemente estrangeiro em qualquer território que percorresse. Essas viagens, efetuadas sobretudo em solo europeu, são carregadas de observações acerca do que se vê nos lugares visitados, mas também de interrupções da memória, o que dá lugar a um constante cruzamento entre o aqui e o lá, o presente e o passado e, até mesmo, o futuro – questionado com desconfiante pessimismo. Os laços estabelecidos pela estrada são frágeis e efêmeros, tanto com pessoas quanto com terras, e, por isso, sabe-se que “[...] a manhã não traz [ia]/espaço que chegasse para os dois” (PIRES CABRAL, 1997, p. 23). Entretanto, há uma resistência intrínseca a essa impossibilidade de fixação e foi com o conceito de nomadismo explorado pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari e pelo sociólogo Michel Maffesoli que busquei demonstrar a potência dessa insistente rejeição ao sedentarismo. Os três pensadores enfatizam o vínculo entre nomadismo e resistência, mostrando como povos que não se fixam em determinados territórios, ao longo dos séculos, mantiveram-se fora do dogmatismo do Estado e, para Deleuze e Guattari, constituíram máquinas de guerra. Em nosso tempo, essa resistência nômade pode se manifestar, por exemplo, na criação artística “precisamente na medida em que [esta] traça um plano de consciência, uma linha de fuga criadora, um espaço liso de deslocamento”(DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 109), como o faz, a meu ver, a poética de Rui Pires Cabral.

O nomadismo, porém, não está presente apenas tematicamente nessa obra. Desde o princípio, os versos distribuem-se na página formando lacunas e espaços em branco que representam os deslocamentos espaciais evocados no âmbito do conteúdo. Além disso, não raramente trazem fragmentos de canções musicais que, uma vez apropriadas pelos poemas, constroem com eles novas camadas de sentido por meio de suas combinações. Exemplo maior disso, a primeira seção de *Música antológica & Onze cidades* – terceiro livro do poeta, publicado em 1997 – traz vinte e sete poemas cujos títulos são emprestados de músicas de compositores e gêneros diversos. Semelhantemente, em *Oráculos de cabeceira*, livro de 2009, Rui Pires Cabral utiliza fragmentos de obras literárias como títulos dos poemas. Cada um deles, então, parte de um mote literário referenciado ao final do livro sob a inscrição “abertos ao acaso” (PIRES CABRAL, 2009, p.49). A poesia de Rui Pires Cabral, portanto, caminha por

outras mídias, trazendo-as ao corpo do poema. Nomeei essa movimentação formal “nomadismo poético”, a fim de salientar esse processo criativo dinâmico no qual a poesia se abre a outras manifestações midiáticas, incorporando-as e, assim, afrouxando e questionando os próprios limites do gênero poético.

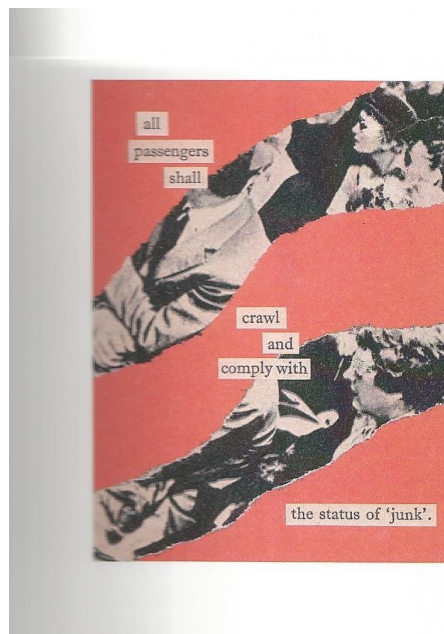


2 Capas de "Música antológica & onze cidades" e "Oráculos de cabeceira"

Esse último aspecto esclarece-se mais na composição dos poemas-colagens, iniciada pelo poeta em 2012 com a publicação de *Biblioteca dos Rapazes*. Neste livro, os versos são formados por fragmentos cortados de livros infanto-juvenis de aventura, cuja listagem encontra-se ao final, que são, por sua vez, colados na página de maneira a formar – ainda que de modo diferente – versos e estrofes. Juntamente dos versos, encontramos colagens elaboradas a partir de ilustrações, fotografias, postais antigos, dentre outras fontes, que funcionam como um fundo para o poema, no lugar da página em branco. Entretanto, fundo e poema são unidos e, quase inseparáveis, formam um todo a que o próprio poeta denominou poesia-colagem.

Essa técnica terá prosseguimento em livros posteriores de Rui Pires Cabral, dos quais destaquei *Broken* (2013), *Oh! Lusitania* (2014) e *Elsewhere/alhures* (2015) para análise na dissertação de Mestrado. Os dois primeiros, usando fotografias em preto e branco, pedaços de

papel e fragmentos de, respectivamente, *Unbroken – O Submarino Fantasma da Guerra de 1939-45*, de Alastair Mars, e *The Last Voyage of the Lusitania*, de A. A. Hoehling e Mary Hoehling, traçam interessantes relações entre poesia e momentos trágicos da história ocidental (1ª e 2ª Guerra Mundial) e portuguesa (queda do domínio marítimo-colonial e subordinação ao poder inglês, que culminará no Ultimato de 1890). Já *Elsewhere/alhures*, trabalhando com colagem e tradução por meio de um uso extremo da página, ocupando-a com poemas (com versão em inglês e português), colagens e suas títulos-legendas (igualmente nas duas línguas), demanda uma leitura ainda mais dinâmica por parte do leitor. Com um movimento combinatório formador de sentido, este caminha pelas páginas percebendo e relacionando o que seus olhos apreendem e, na medida em que essa movimentação envolve processos de arranjo e rearranjo de partes, aproximei-a da montagem cinematográfica, que pode ser entendida como técnica e arte, conforme a viu Serguei Eisenstein.



3 Exemplo de poema-colagem em "Oh! Lusitania"

Desse modo, desmembrando o conceito de nomadismo em duas vertentes, pretendi demonstrar como a errância se manifesta temática e formalmente nessa obra poética, que, a todo instante, parece enfatizar seu lugar informe e movediço. Intentou-se evidenciar a potência desse trabalho poético que, a meu ver, tem como principal projeto mobilizar e deslocar conceitos pré-estabelecidos acerca da poesia.



REFERÊNCIAS

DELEUZE G, GUATTARI F. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5. Trad. Peter PálPelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997.

MAFFESOLI, Michel. *Du Nomadisme – Vagabondagesinitiatiques*. Paris: LibrairieGénéraleFrançaise, 1997.

PIRES CABRAL, Rui. *Geografia das estações*. Vila Real: Edição de Autor, 1994.

_____. *A super-realidade*. Lisboa: Língua Morta, 2011.

_____. *Música antológica & onze cidades*. Lisboa: Presença, 1997.

_____. *Praças e quintais*. Lisboa: Averno, 2003.

_____. *Longe da aldeia*. Lisboa: Averno, 2005.

_____. *Capitais da solidão*. Vila Real: Teatro de Vila Real, 2006.

_____. *Oráculos de cabeceira*. Lisboa: Averno, 2009a.

_____. *A pocket guide to birds*. Lisboa: Edição de Autor, 2009b.

_____. *Biblioteca dos rapazes*. Lisboa: Pianola, 2012.

_____. *Broken*. Lisboa: Paralelo W, 2013a.

_____. *Stardust*. Lisboa: Nenhures, 2013b.

_____. *Álbum*. Lisboa: Nenhures, 2013c.

_____. *Oh! Lusitania*. Lisboa: Paralelo W, 2014.

_____. *Elsewhere/alhures*. Lisboa, Não edições, 2015a.

_____. *Morada*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2015b.